

Título: O MÉTODO DIALÉTICO

Autor: GERALDO GIOVANNI

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Departamento de Ciências Sociais; Conjunto de Sociologia.

R E S U M O

O trabalho trata, em nível preliminar e introdutório, do método dialético nos processos de investigação da ciência social. Totalidade, contradição e a historicidade da vida social são abordados como as categorias principais que viabilizam o método dialético, como instrumento de superação da "ilusão da transparência" que acompanha as visões do senso comum a respeito da vida coletiva.

Título: O MÉTODO DIALÉTICO

Autor: GERALDO GIOVANNI

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Departamento de Ciências Sociais; Conjunto de Sociologia.

Embora as Ciências Sociais sempre tenham se preocupado - desde seu início - com os problemas relativos à saúde, somente nos anos setenta é que uma de suas vertentes mais ricas e fecundas - o materialismo histórico - foi introduzido como um instrumento de investigação e reflexão neste campo.

Em países como a Itália, México, Brasil e, mais recentemente, na França, multiplicaram-se os estudos realizados por sociólogos, antropólogos, economistas, cientistas políticos e mesmo médicos, que buscaram, utilizando a teoria do materialismo histórico e o método dialético, explicar, interpretar e, mesmo, propor soluções transformadoras para a terrível e assustadora realidade do quadro da saúde na maior parte do mundo capitalista e, de modo especial, naquele sub-conjunto de países chamados "subdesenvolvidos".

Esta verdadeira "incursão" do materialismo histórico sobre o campo da saúde não deixou de ter efeitos problemáticos. Se, por um lado, houve quem visse nisso mais um "avanço da subversão internacional", por outro, houve quem chegasse à conclusão que seria impossível curar-se um simples resfriado sem a superação das relações de produção capitalistas. No primeiro caso, não há o que fazer. Os grupos sociais mais conservadores jamais deixarão de contestar aquelas visões da sociedade que considerem a perspectiva de todas as classes sociais e não apenas as das classes dominantes. No segundo caso, cabe, no mínimo uma advertência,

embutida numa constatação: o marxismo e o método dialético na ca  
beça de um médico, podem ter efeitos tão danosos quanto um bistu  
rí nas mãos de um sociólogo. O que existe por detrás desta anedo  
ta, que não tem o intuito de denegrir nem médicos nem sociólogos,  
é a lição que se o método dialético e a teoria que o embasa podem  
ser instrumentos adequados para o trabalho científico, e conse  
quentemente, para a transformação social, podem ser também, depen  
dendo do uso que se faça, uma fonte de dogmatismos.

Isto posto, passemos logo à exposição sobre o método  
dialético. Creio que todos os ouvintes, e eventuais leitores, de  
verão ter em conta que, dentro dos limites do presente encontro,  
é impossível, mesmo em nível introdutório, uma exposição mais con  
sistente sobre o tema. Vamos a isso. É preciso, antes de fazer  
uma seleção dos aspectos a serem abordados, tecer algumas conside  
rações sobre o problema da observação dos fenômenos sociais.

#### A "ILUSÃO DA TRANSPARÊNCIA", TEORIA E MÉTODO

Como já foi assinalado na comunicação do Prof. Iri  
neu Ribeiro dos Santos, a realidade social parece aos homens algo  
claro e transparente e, esta "ilusão de transparência" leva à  
constatação de que o seu conhecimento é obtido de modo espontâneo  
é imediato (ver P. Bordieu e outros, *Le métier de sociologue*, Pa  
ris, Mouton, 1968, pp. 37, 41, 46, 166, 168, 326). No entanto, es  
ta explicação da vida social, esta "sociologia" espontânea, está  
fundada não somente em experiências individualizadas de vivência  
social, como também está calcada em preconceitos, pré-noções,  
crenças, etc., que, como se sabe, têm muito mais a função de enco  
brir realidades sociais do que desvendá-las. A ciência deve,  
pois, romper com tais concepções. "A Sociologia não pode se consti  
tuir como ciência realmente separada do senso comum, senão sob a

condição de opor às pretensões sistemáticas da sociologia espontânea a resistência organizada de uma teoria do conhecimento do social, cujos princípios contradigam, ponto por ponto, os pressupostos da filosofia primária do social" (P. Bordieu, op. cit., p.37). Em outras palavras, ultrapassar e romper com senso comum, com as teorias espontâneas da vida social, significa desencadear um trabalho teórico, que envolva, a um só tempo, teoria e método, num esforço que se distingue tanto da simples coleta de evidências sensíveis, quanto da busca do conhecimento através de "insights" aleatórios.

Por teoria, entendo um conjunto articulado de juízos a respeito de uma dada realidade. Por método, entendo um conjunto de procedimentos racionais que operacionalizam a investigação científica e que estão indissolivelmente ligados a uma determinada teoria da realidade e do conhecimento.

É preciso deixar claro que aquilo que se entende por marxismo, ou seja, a teoria do materialismo histórico e seu método, a dialética, não representa, nem se pretende o único sistema de conhecimento da realidade social. É, no entanto, um sistema que compete com outros paradigmas explicativos desta realidade, e assim, por oposição e na oposição a estes outros sistemas é que define seus traços fundamentais. Nesse sentido, para que possamos esboçar esta apresentação preliminar sobre a dialética julgamos ser necessário discutir, em primeiro lugar, a concepção marxista relativa à vida social, seu caráter histórico e sua natureza contraditória e, em seguida, seu embasamento metodológico que está representado nas idéias da totalidade, determinação e no processo de abstração.

Não é demais ressaltar que estamos deixando de lado a ampla e inacabada discussão sobre as origens filosóficas e históricas do marxismo, bem como as da dialética. Para a primeira discus

são seria necessário retomar o longo caminho que nos levaria às origens das próprias ciências sociais e das transformações sociais ocorridas nos séculos XVIII e XIX; e, no segundo, aos primórdios da filosofia. Portanto, uma tarefa impossível.

#### REALIDADE SOCIAL, HISTORICIDADE E CONTRADIÇÃO

Há muitas formas de se perceber a realidade social. Uma delas é percebê-la como realidade integrada, equilibrada, sempre caminhando e se desenvolvendo na direção de um consenso entre os vários grupos, classes e frações que compõem uma determinada formação social. Seja do ponto de vista do senso comum, seja do ponto de vista de alguns sistemas científicos (sociológicos, econômicos ou antropológicos), nesta perspectiva as situações de conflito social são vistas como acidentais ou inessenciais na constituição das sociedades humanas. Seriam algo como "acidentes de percurso" no caminho sempre seguro em direção a um equilíbrio da vida coletiva: haveria - sempre no futuro - uma inexorável tendência à integração das múltiplas funções na divisão social do trabalho, uma articulação perfeita entre as instituições culturais e sociais e, finalmente, um aprimoramento do indivíduo dentro desta sociedade modelar, tal como foram algumas sociedades no passado.

No entanto, o mais superficial exame das sociedades históricas do passado, e mesmo, a avaliação das várias etapas de desenvolvimento da sociedade capitalista em que vivemos, nos mostrará exatamente o contrário: que os períodos e as situações de equilíbrio e integração social é que são absolutamente excepcionais. Que todas as formas históricas de vida social têm sido, em maior ou menor grau, atravessadas por conflitos sociais que mais do que meros "acidentes de percurso" no caminho do equilíbrio, são, na verdade, elementos constitutivos e essenciais da vida social hu

mana. Que a realidade social e a história das sociedades humanas é a história das lutas - mais visíveis ou menos visíveis - entre grupos sociais. E que estes embates e lutas é que estão na raiz das transformações sociais.

Onde estaria, então, a razão destes conflitos? Estaria na vontade dos homens, tomados como indivíduos? Estaria baseada num "instinto" conflitivo, inerente aos seres humanos? Certamente, não. "... na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade..." (K. Marx, Para a Crítica da Economia Política, "Os Pensadores", Ed. Abril, 1974, p. 135), muitas vezes inconscientes, que compõem, em vários planos, a estrutura da sociedade. Certamente, as relações cruciais são aquelas que se travam no plano econômico, que acabam por determinar, de modo mais ou menos marcado, as demais relações, travadas no plano das instituições políticas, jurídicas e, mesmo, no plano das artes, das idéias, crenças e valores. Nas sociedades históricas, no nível da estrutura econômica têm ocorrido formas sempre contraditórias de relações sociais. Estas contradições se desdobram, de modo não mecânico, mas mediatizado, em todas as esferas da vida social. Assim sendo, do ponto de vista do materialismo histórico, os conflitos sociais e as contradições sociais que eles expressam não são puramente acidentais ou extemporâneos, mas são consubstanciais à realidade social, à qual pertencem e definem em várias instâncias.

Se a realidade social é produto e expressão de contradições e se estas contradições é que são o motor de sua transformação, os fenômenos sociais só podem ser entendidos e explicados a partir das formas sucessivas que assumem no decorrer do tempo. Em outras palavras, eles só podem ser entendidos quando sua historicidade é considerada. Isto quer dizer que, do ponto de vista da dialética e do materialismo histórico, os fenômenos sociais

são fenômenos concretos que acontecem em momentos determinados da história e sob determinadas condições. Assim, não existe uma natureza humana imutável durante o curso da história. A cada momento desta história corresponde um tipo de sociedade e um tipo de homem diferente, vivendo um quadro de contradições específicas.

Mas enfim, o que é uma contradição? Citando Marilena Chauí (O que é ideologia, S. Paulo, Brasiliense, 1980, pp. 36, 37, 38), podemos dizer:

"Em geral, confundimos contradição e oposição, mas ambos são conceitos muito diferentes. Na oposição existem dois termos, cada qual dotado de suas próprias características e de sua própria existência, e que se opõem, por algum motivo, quando se encontram. Isto significa que podemos tomar os dois termos separadamente (...) A contradição, porém, não é isto. Na contradição só existe a relação, isto é, não podemos tomar os termos antagônicos fora dessa relação. São criados por essa relação e transformados nela e por ela. (...) Só há contradição quando a negação é interna (i. é, na relação) ... Numa relação de contradição, portanto, os termos que se negam um ao outro só existem nessa negação. Assim, o escravo é o não-senhor e o senhor é o não-escravo e só haverá escravo onde houver o senhor e só haverá o senhor onde houver o escravo".

Assim, continuando com M. Chauí- :

"A produção e a superação das contradições é o movimento da história. A produção e a superação das contradições revela que o real se realiza como luta. Nesta, a realidade é produzida já dividida, já fraturada num pólo positivo e num pólo negativo que nega o primeiro, essa negação sendo a luta mortal dos contrários e que só termina quando os dois termos se negam inteiramente um ao outro e engendram uma síntese. Esta é uma realidade nova, nascida da luta interna da realidade anterior", mas já carregada

de novas contradições ...

#### A TOTALIDADE CONCRETA

Face ao exposto anteriormente podemos enumerar alguns "atributos" da realidade social. Em primeiro lugar, ela é histórica; o que nos leva a dizer que o entendimento das situações presentes só pode ser alcançado por referência a situações passadas. Em segundo lugar, o conjunto de elementos que compõem esta realidade (econômicos, sociais, culturais, jurídicos, políticos, ideológicos) é um conjunto articulado e determinado; ou seja, cada um destes elementos mantém uma relação de determinação e uma articulação com os demais. Assim sendo, cada fenômeno social particular é parte de uma totalidade, e seu estudo só pode ser feito com referência a este todo. Se tais fenômenos só existem no todo, só a partir da totalidade é que podem ser explicados. Dentro do materialismo histórico e na utilização do método dialético, a investigação científica deve estar alicerçada em algo como uma "visão de conjunto" da parcela da realidade que se pretende examinar.

Neste ponto, estamos com Leandro Konder (O que é a dialética, S. Paulo, Brasiliense, 1981, p. 37): "A visão de conjunto é sempre provisória e nunca pretende esgotar a realidade a que ela se refere. A realidade é sempre mais rica que o conhecimento que a gente tem dela. Há sempre algo que escapa às nossas sínteses, se quisermos entender melhor a realidade. A síntese é a visão de conjunto que permite ao homem descobrir a estrutura significativa da realidade com que se defronta numa situação dada. E é essa estrutura significativa - que a visão de conjunto proporciona - que é chamada de totalidade".

Mas desde logo se coloca a questão: quais os limites da totalidade? Ainda com Leandro Konder, vamos tentar responder.

"Há totalidades mais abrangentes e totalidades menos abrangentes: as menos abrangentes, é claro, fazem parte das outras. A maior ou menor abrangência de uma totalidade depende do nível de generalização do pensamento e dos objetivos dos homens numa situação dada" (idem, p. 38). Isto significa que se pretendemos, por exemplo, estudar a economia brasileira pós 1964, teremos que realizar um processo de totalização diferente e mais abrangente do que se quisermos examinar o processo de assalariamento do médico nos anos 70.

Portanto, "para trabalhar dialeticamente com o conceito de totalidade, é muito importante sabermos qual o nível de totalização exigido pelo conjunto de problemas com que estamos nos defrontando; e é muito importante, também nunca esquecermos que a totalidade é apenas um momento de um processo de totalização (que, conforme já advertimos, nunca alcança uma etapa definitiva e acabada). Afinal, a dialética - maneira de pensar elaborada em função da necessidade de reconhecermos a constante emergência do novo na realidade humana - negar-se-ia a si mesma, caso cristalizasse ou coagulasse suas sínteses, recusando-se a revê-las, mesmo em face de situações modificadas" (idem, p. 39).

Mas mesmo o processo de totalização, por si só, não é garantia de uma démarche verdadeiramente dialética em busca do conhecimento. Mesmo presos à idéia da totalidade, podemos estar trabalhando com conceitos tão abstratos que não nos permitem alcançar a realidade concreta, que não é dada de imediato ao nosso conhecer. Como nos ensina K. Kosik (Dialética do Concreto, Rio, Paz e Terra, 1976, pp. 29 e 30), "o todo não é imediatamente cognoscível ao homem, embora lhe seja dado imediatamente na forma sensível, isto é, na representação, na opinião e na experiência. Portanto, o todo é imediatamente acessível ao homem, mas é um todo caótico e obscuro. Para que se possa conhecer e compreender es

te todo, possa torná-lo claro e explicá-lo, o homem tem que fazer um détour (i. é, dar uma volta): o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato, o todo através da mediação da parte".

Tentemos explicar. Diferentemente dos cientistas naturais, o cientista social não dispõe de instrumentos de observação da realidade social, senão aqueles que conformam o seu aparato perceptivo e sua capacidade de pensar: a sua razão. É através dela que se pode chegar daquilo que é sensível àquilo que é racional.

Vejamos um exemplo. Quando digo que quero estudar a medicina no Brasil, estou tomando como objeto algo que é excessivamente abstrato. Quando penso "a medicina no Brasil" estou abstraindo uma série de elementos que constituem, contraditoriamente, esta realidade. Assim, neste plano abstrato, não estou me referindo aos interesses da indústria farmacêutica e de equipamentos médico-hospitalares; estou deixando de considerar as empresas médicas, as deficiências do complexo médico-hospitalar, as instituições da previdência social voltadas para a prestação de serviços médicos; estou fazendo tábula rasa das categorias médicos, enfermeiros e demais profissionais da saúde, de seus interesses, bem como, dos usuários de serviços médicos. Ora, se eu quiser compreender "a medicina no Brasil", devo pensá-la como resultante deste conjunto de determinações. Se eu quiser concretizar - tornar concretas - minhas observações, devo considerar o meu objeto - o concreto que estou buscando - como síntese destas múltiplas determinações. A partir do momento em que eu - progressivamente - abandono a complexa abstração inicial ("a medicina no Brasil") e busco entender, de modo mais simplificado, cada um dos fenômenos constitutivos desta realidade, estou avançando em busca da realidade concreta. Quando eu voltar a me debruçar sobre a realidade inicial, ela não será mais a mesma diante do meu pensamento, pois está sendo, através de aproximações

sucessivas, progressivamente desvendada.

O que quero dizer é que, quando "volto" à minha abstração inicial, eu a vejo com outros "olhos", ou seja, disponho, agora, de categorias concretas para interpretá-la.

Entretanto, embora muitos pensem desta maneira, o método dialético não dispensa o trabalho de investigação no sentido clássico do tema. Requer, e talvez com maiores exigências, a pesquisa de fontes, levantamentos de dados, consulta a arquivos, estatísticas, documentos, enfim, de toda a evidência empírica que "fale", de modo falso ou verdadeiro, sobre um determinado objeto.

Tal método de investigação, segundo Kosik (op. cit., p. 31), compreende tres graus:

1) uma minuciosa apropriação do objeto, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis, disponíveis;

2) análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material, tanto no sentido do material - fatos - que conformam o objeto, quanto de sua evidência empírica;

3) investigação da coerência interna, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento dos fenômenos em questão.

"Sem o pleno domínio de tal método de investigação, qualquer dialética não passa de especulação vazia" (idem, ibidem).

#### CONCLUSÃO

Creio que esta breve exposição, antes de esclarecer as minúcias do procedimento dialético nas Ciências Sociais, teve mais o mérito de evidenciar suas dificuldades. Trata-se, como espero ter deixado entrever, de um método de conhecimento que pode ser, em todos os sentidos, qualificado de radical. Radical, no sentido de seu advento histórico, porque abalou e revolucionou as ba

ses do conhecimento científico do homem. Radical, no sentido de sua instrumentalidade, porque tirou o cientista de uma pretensa e cômoda neutralidade, colocando-o e responsabilizando-o na construção histórica de seu próprio objeto. E radical, finalmente, do ponto de vista de sua presença e de seus frutos na vida das sociedades contemporâneas, porque criou condições para que nelas aflorasse o pensamento verdadeiramente revolucionário. Talvez, por isso, o método dialético tenha tantos desafetos.

Florianópolis, abril de 1984.